

A VINGANÇA DO PHARÃO

A VISITA DA RAINHA DA BELGICA AO TUMULO DE TUT-ANKH-AMEN — AS ESTATUAS MUTILADAS — O ODIÓ DE ARMAIS — O SEGREDO DO VELHO «PAPYRUS» — A SUBITA DOENÇA DE LORD CARNARVON — O PERJURIO DE KHONSU

L ENTAMENTE, muito lentamente, para que pudesse ser contemplada a paisagem das margens do Nilo, o vapor que conduzia a rainha da Belgica deixou o Cairo, rumando ao Louqsor.

A soberana, de passagem pelo Egito, quizerá ver também o tumulo de Tut-ankh-amen, — e a bordo a sua comitiva entrelinha-se a fotografar a população indigena, que se aglomerava nas margens do rio — ergendo seus braços crispados, como se pedisse aos deuses a extinção daqueles impios estrangeiros.

Panorama triste, povoado de tumbas, de ruínas vetustas, a rainha fundia nele seus olhos enlanguescidos, como se se quedasse a contemplar os proprios jardins da morte.

Primeiro surgiu Beni-Hassan, com escombros tumulares, regios e despedaçados sarcolagos da XII dinastia egípcia: — logo a cidade de Abydos, depois a cidade santa de Osiris, deusa remota, cujos olhos sagrados eram incrustados nos carros funebres que conduziam o cadaver dos faraós à sua camara mortuaria.

Mais acima, após a curva do Nilo, está Denderah, a cidade da alegria, a cidade de Hathor, a faustosa Venus egípcia.

Vem, por fim, o Louqsor com os seus hotéis modernos, erguidos ao lado dos templos preteritos, arruinados: — e defronte, na margem esquerda, Thebas, desafiando a eternidade com seus tumulos e seus colossos, com as pedras tombadas da catedral do Passado.

A rainha da Belgica desembarca e faz-se conduzir ao Vale dos Reis, para onde convergem agora todos os *touristes* que passeiam o seu tédio atravez do Egito e que inumeros barcos e comboios despejam constantemente no Louqsor.

É o dia marcado para a abertura da segunda camara mortuaria de Tut-ankh-amen e em volta do tumulo violado aglomera-se agora uma multidão de curiosos.

Howard Carter e Lord Carnavon, como da primeira vez, penetraram resolutamente na galeria do tumulo: — e logo os serviços indigenas vão despojando dos seus riquissimos objectos o fabuloso recinto.

E de novo, após 35 seculos de proscricção, a luz do sol volta a projectar-se sobre um docel de cedro do Libano, trabalho faustoso que folhas de ouro envolvem na sua parte superior, onde inumeras pedras preciosas, artisticamente embutidas, formam desenhos bizarros.

Surgem depois os colres repletos de riquezas lendarias,

destumbrantes, riquezas de sonhos milimarianescos, tesouros de incalculavel valor, onde abundam as pedrarias reluzgentes, os escarvelhos de ouro, os vasos de alabastro, onde outrora se espiralavam perfumes estranhos, estontecedores.

Veem em seguida as estatuas de ouro, uma das quais se julga repre-entar a effigie longinqua de Tut-ankh-amen. Estão aqui e ali mutiladas, como se no sepulcro cerrado o fantasma de Chu-en-Aten as tivesse querido destruir.

Assombrados, surpreendidos, os curiosos que rodeiam o tumulo esquecem-se na contemplação daquelas riquezas inve-estão, com não menos assombro, a rainha da Belgica, Lord Allenby e sua esposa, Lady Evelyn e a Sultana egípcia que, acompanhada de suas damas, veio também visitar o seu glorioso antepassado.

Retirados todos os objectos, estes são submetidos, à porta do sepulcro, e para os per-severar do ar, a um tratamento quimico, no qual se empenham alanosamente Lord Carnavon, Howard Carter e os serviços indigenas.

Subito, Carnavon contrai o rosto, sob as garras de inesperada dor e leva depois, rapidamente, violentamente, a mão ao pescoço, como se dali quizesse afastar uma vespa que o mordera.

O gesto que passou despercebido aos presentes, não passou, porem, a Khonsu e este, des-vairado, atonito, compreendendo o perigo que pairava sobre o arqueo-

logo, o pai daquela rapariga de tão sugestionadora belesa, deu alguns passos no intuito de o salvar.

Mas inesperadamente sentiu-se preso por estranha e invisivel força, sentiu dominada a sua vontade, entorpecido o seu raciocinio: — e quando procurava a causa daquele súbito mal-estar, encontrou entre a multidão os olhos negros, profundos, chamejando odio, de seu pai Menco.

E esses olhos de sinistro fulgor, esses olhos onde se desenhava um tragico dilema, convergiam sobre ele seus raios de morte — seus raios de vingança preterita.

E inconscientemente, na imobilidade em que jazia, Khousu compreendeu que Menco havia adivinhado o segredo do seu coração — a traição que pela filha do profanador ele havia mentalmente feito ao deus Amon, cuja vingança jurara debalde executar.

Dias depois, num pequeno gabinete da sua residencia, no Louqsor, o velho Menco entregava-se a profundas meditações,



Os curiosos em redor do tumulo de Tut-ankh-amen

a demoradas e penosas investigações sobre o Passado—aquele passado longínquo, cuja história, embora incompletamente, ficara perpetuada, através de estranhos hieróglifos, em pranchas de madeira e em amarelentos papyrus.

O verão que se adivinhava, levava Lord Carnavon e Howard Carter a interromperem seus trabalhos, tornados difíceis uma vez que o calor estival adensasse o já pesado ambiente da cripta faraônica.

O tumulto foi novamente encerrado, anunciando os dois arqueólogos ingleses a sua reabertura, para continuação das explorações, no outono seguinte, agora prestes a terminar.

E a justificar esta resolução, surgiu em Carnavon uma súbita doença—doença misteriosa, singular, pouco diagnosticável, que o abateu sobre o leito do seu quarto no Winter Palace Hotel.

Mas não era o rumo estranho que os acontecimentos tomavam, o que preocupava a Menco.

O membro perpetuo e austero dos «Filhos de Amon-Râ», tinha sua atenção desviada para horizontes diferentes.

A abertura da segunda camera mortuaria, a que ele assistia, as estatuas dali retiradas e que ostentavam visíveis e mui antigas mutilações, levaram-no a uma serie de raciocínios, cuja verdade procurava agora documentar.

Menco sabia que Armais, sucessor de Tut-anckh-amen, fora acerrimo inimigo deste:—destruindo lhe seus monumentos, suas estatuas doadas a Amon em oferenda rara, tudo o que pudesse assinalar o esforço que aquele faria para restaurar em Thebas o culto amoneano, que Chu-en-Aten e sua mãe Tí, tão afincadamente perseguiram.

Todavia Menco não supunha que o odio de Armais alcançasse a Tut-anckh-amen mesmo para além da morte,—mas a abertura do tumulo viera abrir novos horizontes aos olhos daquele tradicionalista acostumado a decifrar todos os segredos do Passado.

De facto, o sepulcro de Tut-anckh-amen, apesar do valor dos objectos ali encontrados, não correspondia, quer em tamanho, quer em riqueza, à faustuosidade de que aquele monarca se fizera rodear em vida.

Emquanto os tumulos de Seti I, de Ramsés III e de Ramsés IX, tinham quatro e cinco corredores, antes da camera mortuaria, o de Tut-anckh-amen tinha apenas um e nas paredes de sua cripta não ostentava os desenhos bizarros, de lavor surpreendente, que era costume lavrar nos sepulcros faraonicos.

Era por isto que Menco investigava pacientemente aquelas pranchas arcaicas, que continham a historia egípcia, enquanto a noite caía lentamente, esfumando, tornando fantasmas as ruínas e as palmeiras que povoam as margens do Nilo.

Súbito, porem, Menco fixou-se mais atentamente sobre um largo papyrus, onde mãos remotas, já pulverisadas na terra thebana, haviam escrito a acção de Armais ante o cadaver de Tut-Anckh-Amen.

Ante esta revelação, Menco ficou-se pensativo.

—Armais que violou o tumulo de Tut-anckh-amen, morreu após a profanação. O sepulcro agora descoberto pelos dois arqueólogos ingleses, ou era um sepulcro provisório, ou o cadaver de Tut-anckh-amen fora sequestrado por Armais a um tumulo mais rico a ali depositado, despresivelmente, com suas reliquias, seu mobiliario, suas funebres insignias. De qualquer forma, porem, Armais perturbara o ullimo sono de Tut-anckh-amen e morrera da sua lemeridade, segundo a amarelenta escrita,—morrera, porque Amon quizera vingar a afronta feita ao seu reinvidicador...

A descoberta trouxe aos labios de Menco um sorriso vitorioso. E rejubilava agora ante a supersticiosa certeza de que Tut-anckh-amen, sob a influencia do preterito deus que

ele repatriava aos corações thebanos, tinha o sobrenatural poder de aniquilar todos aqueles que fossem violar a quietude da sua cripta trimilenaria.

Sorria Menco, certo de que o seu deus se vingaria,—sorria melistofelicemente, pronunciava monossilabos misteriosos, como se estivesse em colloquio, na penumbra do seu gabinete, com os manes do Passado.

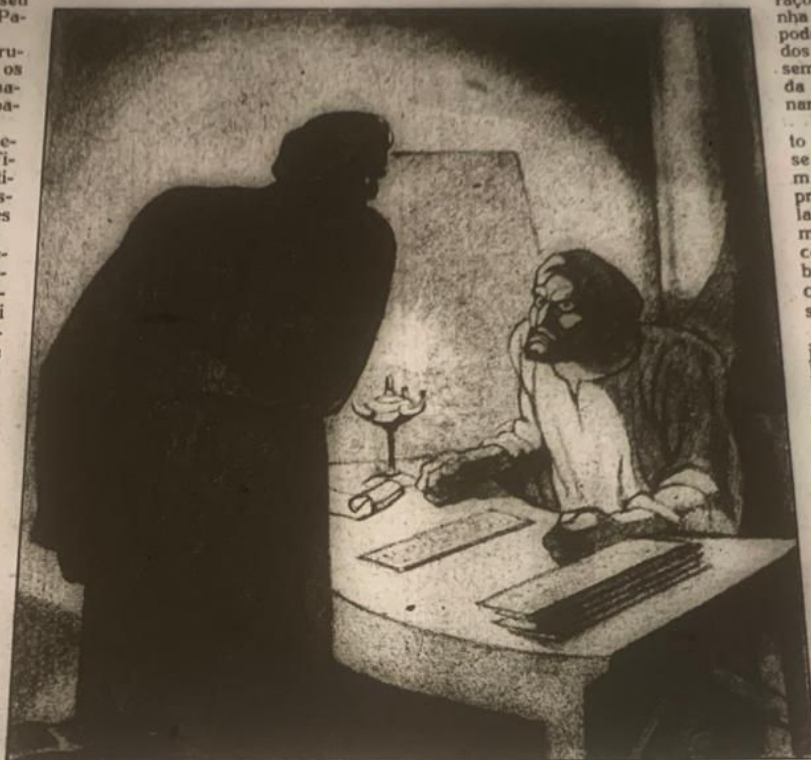
Entretanto, nos jardins do Winter Palace Hotel, Khonsú vigiava a janela do quarto de Lord Carnavon, janela iluminada por uma luz frouxa e onde se projectavam as sombras daqueles que procuravam debelar a súbita doença do arqueologo inglês.

Só uma dessas sombra preocupava a Khonsú:—a sombra estilizada, esquisita, de Lady Evelyn:—e por isso o mancebo sentiu o coração fundir-se no mar negro da revolta, quando soube que Carnavon estava

moribundo, que a sapiencia do famoso medico Lew não conseguia deter a morte que, pela mão da inesperada e misteriosa doença, se vinha aproximando vertiginosamente, inexoravelmente.

Em sua alma já não se projectava a imagem de Amon:—e os seus juramentos ante os «Filhos de Amon-Râ», o seu culto ao deus thebano, a obediencia a seu pai, tudo o que nele assinalava o passado, a tradição herdada através sucessivas gerações, lhe parecia vago, fantasioso, lhe soava como um eco perdido na cidade das tumbas e dos templos desmoronados.

E sofria com a sorte de Carnavon, não por este, mas pela filha, cujo corpo se tornaria lutuoso, cujos olhos perderiam sua quietude eslingica, ante a morte do pai.



SUMARIO DO CAPITULO VI

Os inúteis esforços do dr. Lew—A misteriosa morte de Lord Carnavon—A folha do calendario—Nova reunião dos «Filhos de Amon-Râ»,—O segredo dos velhos «papyrus»,—A condenação de Khonsú—Os designios de Amon—A colera do faraó cairá sobre Howard Carter,!